

Luli Milman
Julia Milman

A VIDA COM CRIANÇAS

Para ler nos momentos de sossego
e consultar na hora do aperto



ZAHAR

Copyright © 2016, Lulli Milman e Julia Milman

Copyright desta edição © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Eduardo Monteiro, Carolina Sampaio

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial sobre ilustração de Mariana Massarani

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M597v Milman, Lulli
A vida com crianças: para ler nos momentos de sossego e consultar na
hora do aperto/Lulli Milman, Julia Milman. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar,
2016.

(Vida em família)

ISBN 978-85-378-1564-9

1. Família. 2. Educação para a vida familiar. I. Milman, Julia. II. Título. III.
Série.

CDD: 306.87

CDU: 392.3

16-31765

INTRODUÇÃO: SER PAI E MÃE HOJE

Parece tão natural a existência desse grupo humano a que chamamos família que a gente acaba se perdendo sobre seu sentido, sua necessidade e sobre qual nosso papel dentro dele. Até as bases para defini-lo – e como pareciam imutáveis há tão poucos anos! –, tais como a diferença de gerações e a diferença de sexos, já não funcionam mais da mesma forma. E é ainda mais estonteante porque na família, a cada hora, temos um papel – às vezes pais, às vezes filhos, cônjuges, companheiros, amantes. São muitos papéis! E tem mais: aquela linda família, harmoniosa, cor de rosa, é, na vida real, de todas as cores e tons. Vermelho, preto, cinzentinho, incluindo divergências, diferenças, aborrecimentos e, de repente, até mesmo uma gritaria de morrer de vergonha. O tempo, que dá o tom da cena, vai passando e determinando as mudanças: os que vão amadurecendo substituem os que vão envelhecendo, os que vão nascendo perpetuam os que vão partindo.

Mas não é só o tempo que modifica os momentos: a quantidade de afetos que circulam na vida familiar pode ter o mesmo efeito. Muitas vezes, submersos pelos milhares de sentimentos

que esse convívio nos desperta, ficamos sem medidas para julgar o que é razoável, o que é respeitável, o que é inadmissível. Difícil medir se estamos sendo exigentes demais ou de menos. E do pessoal lá de casa? O que dá para esperar deles? Uma tolerância irrestrita a nossos hábitos? Para alguns – e às vezes esse *alguns* mora com a gente – pode ser intolerável a televisão ligada no futebol de domingo, as calcinhas no boxe, os brinquedos na sala, as piadas do pai, as comidas da mãe, as roupas pelo chão, as coisas fora do lugar, e por aí vai. E isso sem falar nas grandes expectativas: esperar que o esforçado baterista vire engenheiro, que os pais achem super jogar Minecraft, querer que todos amem correr a maratona, que papai trabalhe menos e que mamãe fale mais baixo... É pena, mas não dá!

Família nem sempre foi assim como é hoje, quando todos dão palpite; todos, crianças e adultos, cobram a realização de seus desejos em uma estrutura democrático-familiar que requer negociações diárias entre seus membros. Pode até parecer impossível, mas a vida já foi muito diferente.

Durante muitos séculos ter uma família foi condição de sobrevivência na dura batalha com a natureza. O casamento, sempre entre homem e mulher (às vezes no plural), servia para a execução de tarefas que eram muito bem definidas conforme o sexo. Claro que também servia para a procriação. Aliás, quanto mais filhos melhor – mão de obra garantida para a manutenção do grupo. Plantar, caçar, cozinhar, construir abrigos... Mesmo em diferentes culturas, a distribuição das tarefas se fazia conforme o sexo.

Nada a ver com amor e afeto. Porém, com o avanço do domínio do homem sobre a natureza, junto às grandes transformações no campo social, não só a divisão de trabalho foi se transformando, como também mudou o sentido da união conjugal. De so-

brevivência física vamos para interesses políticos/econômicos/sociais, com os novos casais passando a se formar com base nos interesses das famílias de origem. E, já bem perto de nós, o amor romântico se impõe como o principal agente da relação conjugal: buscar a felicidade passa a ser o grande objetivo na formação de uma família.

Nos sonhos e nos anúncios, a família é do tipo “felizes para sempre”, “até que a morte nos separe”. Mas será que estamos mesmo dispostos a isso?

A gente sonha, mas, na verdade, não quer. E quando quer, ou pensa que quer, muitas vezes não consegue. Pois, hoje, quem nos separa é a procura por uma vida mais feliz.

Vivemos o tempo do individualismo e do consumo, quando cada um tende a não ligar muito para o outro e a hipervalorizar a própria imagem. Então, como produzir alegres encontros familiares nesse mundo onde o individual vale mais que o coletivo? A batalha contemporânea pela preservação dos espaços individuais nas relações cria, também, um paradoxo – afinal, por definição, relação é juntar/mesclar/combina os espaços individuais. Dá-lhe disposição e afeto para dar conta!

É, mas alto lá! Nem tudo são trevas para as famílias de hoje! Temos grandes benesses também. Uma delas é que, no caso de sermos originários de uma família terrível, não é difícil encontrar grupos substitutos. Tem para todo gosto – e vivam as redes sociais! Seja por esporte, profissão, hobbies em comum, seja por serem amigos, só amigos mesmo, existem milhares de grupos acolhedores para as mais diversas questões da existência.

Ninguém mais *precisa* ficar casado – ainda que os ideais de família e felicidade de nossos avós continuem a martelar nossas cabeças – e ninguém mais *precisa* ter filhos. O mundo não

pressiona para que os tenhamos, os pais não expulsam mais suas filhas solteiras de casa quando surge um bebê. As possibilidades de escolha se ampliaram e as formações familiares se flexibilizaram. Quer conduzir sozinho uma família? Pode. Quer ter filhos com parceiros do mesmo sexo? Pode. Quer dividir a guarda dos filhos? Pode. Ufa! Que alívio!

Nesse contexto, tornar-se pai e mãe aparece tão naturalmente como uma escolha que nem lembramos mais que houve um tempo em que o controle da natalidade era um sonho para o futuro. Cesárea, parto natural, inseminação, adoção, barriga de aluguel, congelamento de óvulos, doação de esperma: a ciência e os costumes trabalhando a favor de nossas escolhas e da superação de antigos limites. Querem menina ou menino? Será que já podemos escolher? À liberdade que a possibilidade de escolha dá junta-se a fantasia de que tudo está em nossas mãos. E haja mãos para preciosidades como “só não é feliz ou rico ou magro quem não quer”.

E nascem nossos filhos, pedindo mãos a mais, nos instando a lidar com todas as desconhecidas nuances da vida com crianças. Sim, porque essas novas pessoinhas, que a gente escolheu ter, trazem sempre um enigma, um questionamento, uma coisa qualquer que nos escapa. Formadas sob nossa responsabilidade, segundo nosso projeto, agora elas já são elas próprias com suas próprias escolhas, tantas vezes diferentes das que seriam as nossas.

Um efeito direto de todo esse cenário sobre nós é a sensação de desorientação. Pouca coisa ficou no lugar daqueles ideais que sustentavam essa experiência “naqueles tempos”. A partir do planejamento em torno da chegada dos bebês – como, com quem, de que forma, quando – cresceu a enorme expectativa em torno dos filhos e de nossa condição de ser pai ou mãe: “Tudo

tão organizado, quarto tão lindinho, alegria e brindes na maternidade, parto humanizado (ou, para outros, o conforto da cesárea), sem repetir os erros de meus amigos e pais, então, por que mesmo assim ele não dorme à noite? Ou morde os amigos na escola? E a gente queria tanto...”

Nos planos, a escolha por ser um estilo de pais bem legal; na vida real, as surpresas e frustrações, se juntando às delícias da vida em comum. Dá para entender então por que ser pai e mãe nos dias de hoje é um desafio tão grande. Sustentar o lugar de cuidado no mundo de liberdades, de relações horizontalizadas, exige de nós um eterno trabalho de reconstrução e reflexão sobre os papéis que circulam em uma família, seu contexto, seus sentidos. E foi pensando em tudo isso que resolvemos escrever este livro.

Pai é pai e mãe é mãe para o resto da vida, mas, ainda que existam preocupações e dificuldades que nos acompanhem eternamente em relação a nossos filhos, a maior parte delas vai mudando com o correr da carruagem. Como seria impossível para nós falar aqui de todas as etapas do desenvolvimento, escolhemos nos dirigir principalmente aos pais de crianças com até dez, onze anos. Depois, os ventos da adolescência já começam a soprar levando para longe algumas preocupações da infância e trazendo outras muito particulares.

Falamos principalmente para os pais e mães, afinal dividem com as crianças os papéis de protagonistas, mas há muitos assuntos que podem ser úteis para avós, cuidadores e professores. Enfim, para todos que lidam com crianças nessa faixa etária. O plano é que o livro seja útil – útil e agradável. Nele levantamos questões, refletimos sobre elas e – por que não? – damos muitas sugestões que, esperamos, vão ajudar a desatar os nós naquelas horas em que a gente se enrola.

1

FAMÍLIAS: ACONCHEGO E CONFUSÃO

Pode ser assim: – Ai, não! De novo jantar na vovó? Aguentar o marido da tia Laura, realmente não dá! Ou pode ser assim: – Ai, que delícia, encontrar todos os primos! E os docinhos da Flávia, mulher do Tônico, maravilha, hein? Tomara que ela leve!

De um jeito ou de outro, mas sempre com emoções que só são possíveis dentro das famílias. Mas que conjunto de gente é esse que a gente chama família? Tem um pessoal que faz parte por afinidade, outro por consanguinidade, tem de ter ancestrais comuns e se situar em diversas gerações. É isso que se costuma chamar família.

Hoje, a composição dos adultos que se responsabilizam por criar as crianças da nova geração, fundando uma nova família, se diversificou muito. Os tempos do individualismo em que vivemos, responsáveis por tantos desmandos, têm, no entanto, algumas consequências interessantes. As novas organizações familiares são algumas delas. Porque é exatamente a mentalidade de respeito supremo pelo individual que possibilita à sociedade uma nova visão do que é família, casamento e relações de parce-

ria conjugal. As singularidades podem, como em nenhum outro momento, se expressar e ser absorvidas pela sociedade. Ótimo! Mesmo que a oposição às mudanças também não seja insignificante. De um lado ficam os que apostam na ampliação e no conseqüente fortalecimento do grupo familiar; de outro, os que preveem o apocalipse.

Ainda que nada parecido com o fim do mundo (a gente aposta), a possibilidade de confusão e aborrecimentos existe em qualquer composição familiar, sejam as antigas, sejam as de vanguarda. Afinal, um grupo de pessoas, algumas na mesma casa, ligadas por sangue e/ou por afetos, é um perfeito caldeirão de paixões!

Nosso plano é, portanto, tentar reduzir ao mínimo as enormes chances de aborrecimentos que podem vir daí. Assim, apresentamos, para cada modelo de família, sugestões e reflexões que podem ajudar nesse sentido.

PAI, MÃE, FILHOS, TODOS JUNTOS NA MESMA CASA

Quando falamos “família tradicional” o que vem à cabeça da maioria das pessoas? Um pai e uma mãe, unidos por matrimônio, e um ou mais filhos. O pai, provedor, e a mãe, que, abrindo mão de suas realizações profissionais, se dedica integralmente ao cuidado da casa e dos filhos. O fato é que hoje essa descrição está longe de definir a maioria dos lares onde crescem crianças e, mais ainda, de figurar como a única conformação possível para criá-las de forma saudável. No entanto, a família tradicional – por mais que não seja mais tão tradicional assim e por mais diversas que sejam as organizações familiares – ainda é o parâmetro em torno do qual giram as fantasias.

E não é à toa: esse modelo, apesar de estar arraigado em nosso imaginário, de fato pode ter algumas vantagens. Partindo do princípio de que os pais vivem em harmonia – o que é, aliás, a única explicação razoável para a existência dessa família –, é superconfortável para a criança conviver com o pai e a mãe na mesma casa, beneficiando-se do encontro cotidiano com os dois, das trocas e de uma possibilidade maior de equilibrar os afetos. Em certos dias, um está mais mal-humorado; no dia seguinte, já é o outro; um joga mais duro nos estudos, o outro é mais liberal – mas tudo dentro de uma harmonia que deve ser a base, ainda que sempre renegociada. Conviver com um casal – e isso vale para qualquer formação de casal – que se ama, mas sabe que pode divergir, que um pode se irritar com o outro, sem que isso signifique ruptura, é um inestimável aprendizado de vida e de convívio harmônico. Tem também uma questão prática, que parece banal mas não é: todos os pertences da criança estarem em uma única casa facilita muito a vida.

Porém, mesmo com todos juntinhos, nem tudo são flores. Problemas vão sempre existir e nesses casos não importa o gênero do casal. Seguem alguns deles para a gente pensar e... tentar escapar!

1. Estão juntos, mas se dão mal – a defesa é que não brigam na frente das crianças.

É, pode ser, mas será que adianta? Não tem gritaria, mas em compensação sustentam uma nuvem negra pairando sobre todos. Difícil saber o que é pior. O mal-estar circula e oprime a todos. Hoje, não existe mais dizer “só fico casado até as crianças crescerem”. Quando elas vão crescer? Não permita que seu filho seja responsabilizado pela sua infelicidade. Golpe baixo! Nesses

casos, as crianças, que não são tolas, vivem na tensa expectativa do dia da separação.

2. Se dão bem, mas não param de brigar – tem gente que gosta de polêmica.

Parece que a graça é brigar para depois poder reconciliar. De novo, cada um vive como quer, mas com crianças em casa é preciso pensar um pouco sobre este estilo de relação. Elas vão custar a entender qual é a graça nisso, e talvez nunca entendam, e terão passado a infância no meio de tensões incompreensíveis. Briga de pai e mãe é sempre chatíssimo. Sem poder adivinhar qual a hora da briga e qual a da reconciliação, as crianças patinam sobre gelo fino.

3. São superapaixonados, vivem um para o outro, sem lugar para crianças.

Geralmente só têm um filho, claro. Foi muito desejado. Maravilha nascer como consequência do amor dos pais. O difícil aqui, em muitos casos, é deixar que a criança saia do papel de consequência e assuma o papel de sujeito. Seu lugar, sua individualidade, suas questões, seus interesses e dificuldades ficam sempre em segundo ou terceiro plano. Os pais sustentarem a privacidade de sua relação é uma coisa, blindá-la é outra. Cuidado para não deixar cair no vácuo as ondas que seu filho emite.

Se você percebe que na sua casa as coisas são assim, primeiro reflita bastante sobre como isso precisa mudar, depois veja se essas ideias ajudam. Ceda alguns fins de semana para o seu filho, chame amigos dele para casa ou faça programas com ele. Busque se interessar de fato pelos assuntos dele, simplesmente porque são dele. Abra espaço e ouça com atenção as demandas que ele coloca.

4. Deixam-se invadir pelas crianças – para a maior parte dos casais é preciso um estado de atenção eterna para isso não acontecer.

Por mais que ter filhos seja uma transformação radical na vida de um casal, o espaço dos dois precisa ser preservado. Não só para conservar a intimidade e o encontro que só pode se dar entre adultos, como também para preservar as crianças. Pobres crianças que sempre acabam como culpadas da infelicidade, do cansaço, da vida chata dos pais. E passarem de responsáveis a algozes é um pulo! Crianças algozes, pais vítimas. Ai! E como é terrível ver os pais vitimados!

Aliás, um dos fatores que mais contribuem para um casamento começar a fazer água é um dos pais não estar exatamente nessa onda e o outro estar. O mais comum é a mãe se voltar inteiramente para os filhos e o pai começar a se cansar e a querer sua mulher de volta.

Na verdade, o que é gostoso, legal e saudável são os afetos circularem dentro de uma família, de todos para todos. É preciso então se perguntar se o grude com seu filho não está excessivo.

AS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS: CRIANDO CRIANÇAS SOZINHO

As estatísticas não param de apontar o crescente número de lares comandados por um único adulto. Segundo o censo de 2010, mais de 10 milhões de lares brasileiros são assim – e comandados principalmente por mulheres. Independência financeira, diminuição da importância social do “eu tenho um marido”, maior ligação das mulheres com as crianças pequenas e mais disponibilidade para cuidar delas são fatores importantes nessa estatística.

Mas também pelo lado dos homens os números mudaram. Cada vez mais encontramos homens dispostos a ficar com as crianças em caso de separação. Mas ficar de verdade: por favor, não incluam nessa conta os que só fazem essa demanda para infernizar a vida da ex-mulher. A solução de convivência alternada também nos fala disso. As causas? Quase sempre as mesmas: redistribuição das funções do homem e da mulher no universo familiar, o trabalho feminino também fora de casa, mudança das relações afetivas nas famílias, e por aí vai. Mesmo quando pai e mãe não estão separados, as funções tendem a ser muito mais equilibradas.

Nesse movimento de aumento de lares dirigidos por um único adulto, temos também, aqui no Brasil, uma novidade: a facilitação do processo de adoção legal por pessoas solteiras. Não importa se são homens ou se são mulheres. A imagem da mãe solteira, que já foi personagem de tantas histórias de sofrimento e discriminação, tantas vezes banida de sua família, a própria encarnação da fraqueza feminina, mudou inteiramente: ter um filho sozinha hoje significa independência, força e coragem! Quanto aos homens, a categoria pai solteiro, se existia, ficava praticamente vazia. Hoje ela já está cheia de gente, de papais andando por aí orgulhosos da quantidade de amor que têm para dar a seus pimpolhos, da disponibilidade para estar com eles. Que bom tudo isso! Um alívio.

E tem mais: para muitas pessoas é ótimo ser um só para decidir as coisas da vida do filho. Nada de polêmicas, negociações, disputas de espaço, cenas tão comuns nas famílias tradicionais. Não tem discussão sobre se é melhor o filho ir para o judô ou para o francês, se toca violão ou tuba, se dorme cedo ou tarde, se pode tomar sorvete antes do almoço ou só quando vai à praia. Vai ser

sempre como a gente quer! Viva! Até que o próprio filho comece a dar palpites, mas isso demora um tempinho.

Bem, mas ainda que o mundo esteja muito mais receptivo aos pais solteiros, alguns problemas continuam a existir. Vamos, então, aos problemas mais comuns e algumas sugestões sobre como lidar com eles:

1. Para começar, não tem jeito, criança dá um trabalhão!

Ter de cuidar sozinho de um pequeno é uma mão de obra que tende a deixar o mais extremoso pai ou mãe estressados. Mas é uma tendência, não é tiro e queda. É apenas um aumento de probabilidade de estresse em relação aos que têm com quem dividir as responsabilidades. Se couber no orçamento, contrate alguém para ajudar; senão, busque uma creche, uma avó, alguém da família. Outra coisa boa é frequentar um parquinho ou coisa do gênero e formar um grupo de amigos com filhos para partilhar preocupações, alegrias e produzir programas.

2. A criança ser tudo na vida do pai ou da mãe é outro nó.

Tem tanta coisa interessante por aí! Claro que nada é mais importante que a vida do filho, mas, aqui entre nós, não dá para passar os dias tendo de fazer escolhas fatídicas, em que nossa felicidade se opõe radicalmente à deles. Felizmente dá para viver, se divertir, se nutrir de temas adultos e cuidar bem da criança. A vida cotidiana deve ser assim, e os descompassos é que devem ser eventuais.

Claro que um filho muda inteiramente a vida, mas tem de ser para ampliar e melhorar. Se não for assim, fica difícil para nós, para eles, para todos. Isso vale para qualquer das formações fa-

miliares, mas nas monoparentais o risco de uma entrega total e pouco saudável é maior. Se todos devem ter sempre uma luzinha acesa sobre esse assunto, o pessoal que vive na formação um a um, então, precisa ter um holofote. O mais sensato é seguir as instruções de segurança dos aviões: primeiro colocar a máscara na gente e depois na criança. Sábria medida, que aumenta em muito a chance de todos respirarem bem.

É superimportante usufruir de momentos de sossego, solidão, curtir amigos ou namorados. Ter outros interesses, outras paixões: o trabalho, os hobbies, os grupos, os projetos de vida individuais. De outro modo a energia se esvai.

No caso da criação de crianças, o ditado “Um é pouco...” fica diferente: um não sobrevive, dois é um grude perigoso e três é o melhor. Só que o terceiro não precisa necessariamente ser um cônjuge, pode ser um trabalho, um interesse, os amigos. O importante é ter outro lado para olhar. Um lado onde a criança não esteja. E é bom pensar também em um outro aspecto da situação – para qualquer filho, ser responsável por toda a alegria e todo o prazer da vida do pai ou da mãe é um peso insuportável.

3. O mais difícil é a sensação de que está sempre faltando algo muito importante para ele.

Dói muito a ideia de que nosso filho está em grande desvantagem em relação aos outros. No caso dos que escolheram ser pais solteiros, pode dar muita culpa; no caso dos que foi a vida que resolveu, pode dar muita pena. Tudo perfeitamente elaborável, ainda que, volta e meia, esses sentimentos possam reaparecer em nossa mente, ou, pior, em nossa alma. O perigo é se deixar afundar na culpa ou na pena. Tem que sair dessa, pois cultivar esses

sentimentos não ajuda em nada. Como já dizia um mestre budista, “sofrer não é o bastante”, é preciso tomar atitudes. A presença das coisas boas vai ser fundamental na diluição do mal-estar, por isso a importância de prestigiar o que é bom e prazeroso.

E a verdade é que, mesmo para os que vivem com pai e mãe, sempre alguma coisa vai faltar; não tem jeito mesmo, já saímos do paraíso há muitos milhares de anos.

PAI E MÃE SEPARADOS

Separando

Não é à toa que, desde que ficou permitido socialmente, e até mesmo incentivado, as separações se dão sem parar. Muitas vezes quem olha de fora acha lindo um casal que está junto há muitos anos. E pode até ser que seja legal mesmo, mas para isso não basta a ajuda divina. Sustentar um casamento dá uma trabalheira enorme e exige uma flexibilidade imensa. Esse empenho só vale a pena e só chega aos filhos como positivo se sustentado pela troca de afetos e pelo prazer do casal de estar um com o outro, com ou sem as crianças.

Eta tempo difícil na vida! O fim de um relacionamento, por mais que, em muitos casos, seja a melhor solução, traz sempre tristeza e desamparo. Quando não é por ainda haver amor ou pelo fim de um sonho, é no mínimo pelo hábito, pela rotina que tem de ser reformulada. A maior parte dos casamentos que se rompe deixa um dos cônjuges muito pior que o outro. Dificilmente há equilíbrio nos afetos, até mesmo nos casos – aliás, bem raros – em que a ruptura é de comum acordo. A separação é um mo-

mento em que todas as divergências vêm à tona, óbvio. A divisão da casa, dos objetos, dos amigos – esta, então, é superdifícil – traz ciúme, inveja, raiva e tristeza. A perda de sentido de si muitas vezes é intensa. Para alguns, a sensação de que não valem nada. Ou então de que são mais do que valem. Os sentimentos mais escondidos reaparecem. E como é difícil ter de passar a fazer tarefas que sempre couberam ao outro!

No entanto, a separação pode ser uma libertação, ainda que às vezes à custa de áspero aprendizado. Reorganizar os fins de semana, lidar com a solidão e com uma nova forma de procurar os amigos, de estar com eles. Quanta coisa! E, para culminar, ainda temos que compartilhar as crianças!

As relações humanas – principalmente as relações entre pais e filhos – são repletas de sutilezas e de limites tênues. Os movimentos na vida de uns sempre afetam a vida dos outros. A separação de um casal, mesmo quando é a melhor solução, mexe com a vida dos filhos. É claro que quem se separa são os adultos – um do outro, e não das crianças –, mas é impossível manter o ritmo que a relação com os filhos tinha antes. Apesar de tudo, frequentemente a separação é um alívio, e a relação, seja do pai, seja da mãe com os filhos, pode melhorar sensivelmente com a saída do outro.

Por tudo e por todos, a separação é um momento muito delicado, em que precisamos mesmo redobrar a atenção com os filhos, por mais exaustivo que isso possa parecer. Para uns é “Deus do céu, já estou um caco e ainda vou ter que dar mais atenção às crianças”. Para outros dá revolta, “Ah, não! Agora vou precisar dar prioridade à minha vida”. É dureza, mas tem que ser assim. Para se recompor é preciso pegar um caquinho daqui, uma sobrinha de autoestima dali, abrir mão de um pedaço do delírio de liberdade e, mais do que nunca, estar ligado nos garotos!